

DF redivivo

Nunca será demais louvar a iniciativa do Presidente da Comissão do Distrito Federal no Senado, ao convocar o Seminário que ora debate os problemas de Brasília.

Com a aproximação, quase concomitante, estabelecida pelo Governador Elmo Farias junto ao urbanista Lúcio Costa e ao arquiteto Oscar Niemeyer, os dois artífices máximos da cidade, o empreendimento analítico da Câmara Alta ressoou como um novo toque de alvorada, despertando energias ameaçadas de estiolarem-se por falta de estímulos.

Hoje, com as discussões diárias impressas no painel dos estudos que se sucedem, um sopro de animação e entusiasmo perpassa pelos diferentes quadrantes da Capital, decidida a reiniciar a marcha ao encontro da sua completa realização.

Desde que aqui se instalou a sede política e administrativa do País, Brasília transformou-se no centro das esperanças de milhões de brasileiros, todos confiantes em que ela representaria o foco catalisador e irradiador de uma florescente civilização tropical.

Não poderíamos, por isso, deixar ao desamparo as populações que para cá acorreram, frustrando a sua confiança e, ao mesmo tempo, fugindo ao destino que nos impunha a deslocação da metrópole federal da orla litorânea para o maciço central do Brasil.

Até certo ponto, a simples presença dos Três Poderes da República no coração geográfico do território nacional serviu para uma redescoberta de potencialidades e virtualidades.

Graças a essa simples decisão, no entanto responsável por um novo e impressionante marco na História do Brasil, todas as outrora distantes unidades da Federação passaram a participar da vida brasileira em termos de recuperação de uma fisionomia perdida.

Antes de Brasília, a Amazônia era uma região de mistérios, própria à incursão de aventureiros audaciosos, de cientistas estrangeiros tocados pela febre da curiosidade e dos amantes de safaris ao puro estilo africano.

Entretanto, naquelas paragens inóspitas a fibra do nosso caboclo garantiu a presença brasileira, conquistando a selva, desbravando caminhos e criando, ao fogo da canícula, um pólo econômico à época do fastígio da borracha.

Mas veio a decadência do látex e com ela o abandono dos irmãos que lá ficaram, entregues à própria sorte.

Brasília trouxe-os de volta, aproximando-os do centro das decisões nacionais e emprestando às suas vozes o eco de um amplo e sensível auditório.

O mesmo se poderia dizer de Goiás e Mato Grosso, que deixaram de ser apenas atração para antropólogos e caçadores e agora integram-se no processo da economia nacional, de forma exponencial, quando nos encontramos ainda no início da exploração de suas riquezas, algumas simplesmente detectadas, outras que começam a aflorar com ímpetos dignos de toda confiabilidade.

Mas, se essas são consequências e derivações do deslocamento da Capital, é no revestimento desta com os elementos identificadores de sua grandeza que devemos nos preocupar.

E é o que se está buscando no Seminário objeto destes comentários: a generosa contribuição da mudança precisa receber a retribuição do esforço empregado, que tão altos dividendos rendeu ao Norte, ao Nordeste e ao Centro-Oeste.

Não estamos preocupados com os argumentos especiosos dos que insistem na tese de que Brasília não possui opinião pública: esta aqui se encontra, presente e atuante, através dos meios de comunicação social.

Os que pretendem negá-la desejam, muito casuisticamente, que o Presidente da República, permanecendo mais tempo no Rio ou São Paulo, fique ao alcance das pressões pessoais ou de grupos. Os postulantes são, via de regra, comodistas e imediatistas: vir a Brasília, solicitar uma audiência que lhes poderá ser concedida ou não é, no final, retornar sem as vantagens preconcebidas, está fora dos versículos de suas bíblias.

Preferem que a montanha vá a Maomé, cogitação só alimentada pelo sortilégio das ambicções fantasiosas.

Ao contrário desse retrocesso no tempo e no espaço, continuaremos palmilhando as veredas iluminadas do futuro próximo, em plena construção.

Nada menos de cinco bilhões de cruzeiros serão injetados pelo Governo Federal nas obras de saneamento e urbanização do DF, anunciou o Secretário-Geral do Ministério do Interior, numa das últimas reuniões do Seminário.

Retomamos, assim, o nosso ritmo de Brasília, em caráter definitivo e dentro de outras dimensões, inclusive com a criação de um órgão de consulta comunitária para assessorar o poder decisório no encaminhamento e solução das questões que envolvem o Distrito Federal.

Essas e outras sugestões, partidas de estudiosos e autoridades darão à Capital da Esperança os contornos que lhe são devidos, destruindo, pela capacitação de dirigentes e dirigidos, as cavigas maquinacões dos inconformados com a vitória de Brasília.